

SABER PARA SI, SABER COM OS OUTROS

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br***

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

O homem pode ter o que quer.
O homem só não pode é querer o que quer. Para pensar não basta querer.
É preciso aprender.
E se aprende a pensar, esperando o inesperado.
Nesta espera, a paciência é quase tudo.

Emmanuel Carneiro Leão¹

Aprender e integrar o saber

Em duas ruas muito próximas, na cidade de Campinas, dois “outdoors”, um de uma faculdade e, outro, de um colégio, fazem a sua propaganda em “época de matrículas” com duas frases. A da faculdade é: “você aprende, o mercado reconhece”. A do colégio: “a vida ensina, o coração educa”. A segunda frase na verdade trabalho com um inteligente jogo de palavras, pois o colégio é o “Sagrado Coração de Jesus”. Caminhando pela cidade quem prestar atenção verá vários outros anúncios semelhantes. Apenas os que apelam para uma *formação integral* da criança, do adolescente, do jovem estudante, são a imensa minoria. Apelos que substituem palavras como: “pessoa”, “formação”, “sociedade”, por “sucesso”, “emprego” e “mercado” são muito mais freqüentes.

Vimos já em outros *cadernos* que, embora uma certa tendência funcional e utilitária na educação seja crescente e seja um bom espelho dos tempos que vivemos, o “esquecimento” de um sentido bastante mais humanista e integral da educação pode representar um enorme empobrecimento no presente e uma real ameaça para o futuro. O que esperar de um mundo em que o patrão substitui o pai, a empresa substitui a família, o mercado substitui a comunidade, o sucesso substitui a felicidade e a competição do indivíduo centrado em si-mesmo substitui a cooperação da pessoa voltada aos outros?

Tomada no seu todo e em sua compreensão mais ampla e mais humana, sabemos já que o *aprender* e a *aprendizagem* não são, processos gradativo de aquisição e de *acumulação de conhecimento*. Não são também, desde um ponto de vista neuropsicológico, um processo de *reforço de memória*, de capacidade

¹ Isto é a epígrafe de apresentação do livro: *aprendendo a pensar*. Veja nas indicações bibliográficas a indicação completa

operatória especialmente dirigida a um plano ou outro do saber. A cada momento da vida o aprender-a-saber tem a ver com importantes transformações qualitativas de todo o sistema que constitui um organismo vivo. Assim, quase se pode dizer que, ao aprender, não se “sabe mais”, mais se sabe “de uma outra maneira”. Quando uma criança aprende algo significativo que não conhecia antes, ela não aprendeu apenas “aquilo”. Através “daquilo” ela alterou de algum modo todo o seu *sistema cognitivo*. Isto pode significar que ela modificou qualitativamente toda a sua *vivência vital*.

Do ponto de vista de uma teoria de inteligências múltiplas, como a de Howard Gardner, por exemplo, *aprender* significa *integrar* graus mais complexos de experiência-conhecimento-e-sensibilidade. Significa modificar a qualidade de todo um plano ou uma dimensão específica do que existe de *cognitivo* em nós.

Porque é que uma criança pequenina na medida em que cresce-e-aprende... muda? Tanto assim que quando não vemos por um ano uma criança pequena tendemos a exclamar: “como ela mudou?”. Ela mudou não apenas porque aprendeu coisas novas, ou porque ser aparato biopsicológico “evoluiu”, “maturou”. Ela mudou – sendo a mesma – porque a cada momento de seu crescimento-aprendizagem, ela integrou de formas cada vez mais complexas e mais flexíveis todo o conjunto de sensações, saberes, significados, sensibilidades e socialidades que passo a passo a fazem transitar de um indivíduo biopsíquico a uma pessoa social. O que a torna diferente de um pequenino macaco de mesma idade, é o fato de que ela não apenas aprende mais e sabe mais, mas ela integra a totalidade do que aprende de formas muito mais interligadas, abertas, flexíveis e complexas.

Em nós, seres humanos, cada um dos diferentes planos de interações-integrações altera-se qualitativamente através de cada ato pedagógico de aprendizagem. Isto é o mesmo que dizer que a cada novo conhecimento tudo o que somos e sabemos de algum modo e em medidas variáveis, desequilibra-se e de novo se re-equilibra em um novo plano de *integração*, de *interação* e até mesmo de *indeterminação*. Sim, *indeterminação* mesmo, porque não somos animais treinados e previsíveis, e nem somos robôs. Em nós tudo o que muda e se transforma pode tomar caminhos diversos e mesmo inesperados. É mais ou menos o que acontece quando, para desespero dos pais (espero que provisório), um filho querido “preparado” durante anos para ser médico, abandona o curso no terceiro ano e resolver ser... músico.

Assim, sempre que algo novo é aprendido, não é só este “algo novo” que é acrescentado ou acumulado a complexos subjetivos de conhecimento já-adquirido. O

que ocorre é uma configuração de todo o *sistema pessoal pensante* como algo complexo, interligado, interdependente e dinâmico.

Uma boa metáfora do aprender e do pensar como fluxos, como processos constantes, seria a imagem de uma bela sinfonia. Quando ouvimos uma sinfonia de Beethoven, a menos que sejamos um especialista no assunto - a quem interessa a análise acurada de cada parte, de cada fração da música - o que desejamos escutar é o movimento do fio melódico. Por bela que seja, por evocativa que seja para nós uma de suas passagens, não devemos reter a música para repetir a passagem bela, já ouvida. Ela só faz algum sentido de beleza musical no interior do todo de toda a sinfonia, em seus três movimentos. Beethoven tem algumas sinfonias com quatro e até com cinco movimentos.

Retida em uma passagem (como quando o disco “enguiça” e segue adiante), a melodia da sinfonia se perde, fica “sem graça”, fica irritante, fica inteligível como uma frase musical dentro do todo. O “sentido e o sentimento de harmonia e beleza” da sinfonia não estão isolados em nenhum de seus momentos em si mesmo. Embora possamos reter alguns “momentos musicais” da sinfonia de especial beleza para nós. Ouvir uma sinfonia” significa deixar-se levar pela intercomunicação seqüencial de cada um de seus “momentos” e seus “movimentos”. Depois de ouvir a sinfonia completa ou, pelo menos, um dos seus movimentos inteiros, podemos nos dispor a ouvir tudo de novo. Mas será então a mesma sinfonia? Acaso ouvimos, vemos ou pensamos o mesmo, exatamente da mesma maneira, duas vezes? Ao buscar uma metáfora para o transitório de tudo, Heráclito, o filósofo grego pré-socrático, lembra que nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio. O mesmo acontece com o rio das imagens, com o rio das idéias.

Nós realizamos “isto” toda vez que ouvimos música. Quando ouvimos “boa música” e quando a “ouvimos bem”. Nós não nos apoderamos de um determinado acorde ou frase e pedimos para a orquestra continuar tocando-o o resto da noite. Pelo contrário, por mais que possamos gostar daquele momento musical em especial, sabemos que sua perpetuação interromperia e mataria a continuidade da melodia.

Estas idéias nos devem levar a pensar que a maneira como tradicionalmente constituímos os nossos *conhecimentos* e pensamos o que pensamos, está algo equivocada. Tendemos a imaginar que é através de sucessões de imagens que imaginamos. Tendemos a pensar que é com representações de *pensamento* que pensamos a partir do que sabemos. No entanto, o conhecimento acontece em nós e entre nós por meio de um fluxo processual e contínuo.

Compartilhamento: todo o saber é um dom, todo aprender é uma troca

O *conhecimento* é, portanto, o próprio processo de sua aquisição.

O *aprender-a-saber* não envolve um acúmulo ou uma estocagem de representações manipuláveis em seus conjuntos, na medida em que pensamos ou quando memorizamos alguma coisa. Isto pode acontecer quando aprendemos um novo “programa de computador”. Mas, mesmo neste caso, bem sabemos que à medida que aprendemos mais e “dominamos o programa” de uma maneira mais pessoal, transformamos um aprendizado mecânico e funcional em um saber criativo e até mesmo cheio de arte. O *saber* não é uma matéria do pensar que possa ser acumulada, ou que possa ser passada em unidades de um plano para o outro.

Conclusão: em seus planos mais humanos e mais densos e profundos, o *saber* pode ser *ensinado* – e por isso existem *educadoras e educadores* – mas ele não pode ser *transmitido*. Uma pessoa não “passa”, não “dá”, não “transmite”, conhecimento para uma outra. Nem mesmo o melhor professor. Ou melhor, principalmente um bom professor.

O que ocorre é que em um momento de um processo de ensinar-e-aprender, uma e a outras pessoas estão situadas no interior e nos limites de situações e de contextos interativos de *trocas*. Estão em pontos equivalentes, mas diferentes de relações interativas de intercâmbio de e entre saberes, sentidos e significados situados. Algo que está a todo o momento presente e em movimento : a) no mundo interior de cada uma pessoa envolvida em uma relação de ensino-aprendizagem; b) no interior do sistema interativo realizado naquele momento entre elas; c) no interior de um sistema igualmente presente e interativo, entre elas e o entorno natural e social do lugar social e do momento que compartilham.

Podemos figurar duas imagens muito simplificadas, mas que ajudam bastante a compreender posições pedagógicas opostas a respeito do que seja *saber e aprender*. Em uma delas a criança é a imagem de uma lousa vazia, sem coisa alguma escrita. E da mãe à professora, quem ensina e educa, escreve e preenche de saberes a mente-lousa da criança que “aprende” o que lhe é transmitido. Um “saber outro”, de outras pessoas, que passa a ser também seu, sem ser, no entanto, uma construção própria.

Na outra a criança é a imagem de uma semente jogada na terra de um jardim. O educador, um “jardineiro-do-saber”, cuida do contexto e procura os meios para que a criança-semente cresça e se desenvolva por si mesma. Ela depende “dela própria”,

mas “ela própria” depende da qualidade da terra em está, da água que recebe, das podas oportunas em seus galhos, dos cuidados para que seja nutrida e as pragas não a contaminem. Sem os cuidados dos jardineiro com a terra, a água, os nutrientes e os pesticidas (naturais, se possível), a planta não cresce, ou cresce muito aquém de como deveria ser. Mas, “bem cuidada”, é ela quem cresce e se desenvolve... de dentro para fora.

Cada *pessoa aprendente* é um arquiteto de seu próprio saber. Mas é alguém que apenas “se constrói” quando em relação com os outros. É sobre a base de interações, e de uma história compartilhada de trocas, de reciprocidades, de criações fruto de diferentes situações de diálogos, que cada estudante cria-com-outros uma experiência de conhecimento-em-comum, a partir do qual ele se apropria daquilo a que damos o nome de “o seu próprio saber”. Assim, através de sua participação ativa e criativa num acontecer que torna a “turma de alunos” uma “comunidade aprendente”, cada educando, orientado ou mesmo coordenado por uma professora, cria e partilha com os outros um momento de construção de saberes a partir do qual ele internaliza “o seu próprio saber”. Assim, a aquisição pessoal de novos conhecimentos, mesmo quando parece algo simples ou “virtualmente” simplificado”, e algo sempre criativo, mais livre e mais indeterminado do que supomos quando “ensinamos”. Se em todo o processo de aprender há uma lógica, em toda a lógica do aprender existe uma história de partilhas.

Não se podem passar os conhecimentos de um lado para o outro. O conhecimento se constrói sempre sobre a base de um novelo de ações, e é sobre a lógica desse entremado de ações que é preciso agir para poder, justamente, abri-lo para a flexibilidade e a transformação.

Só ensina como um educador, como uma educadora, quem “convida ao saber”. Quem abre portas e janelas em múltiplas direções. Quem aponta os caminhos e deixa ao outro a liberdade da escolha. Quem, ao invés de dizer aos seus alunos que já chegou a um lugar definitivo (do saber, do conhecer, do “dominar os seus assuntos”) declara que também se sente incompleto, inacabado. Que também está estudando enquanto ensina e, portanto aprendendo com os outros e não apenas ensinando a eles.

Este era o modo como Sócrates, há milhares de anos, dialogava com os sus discípulos. Este é dizer de Paulo Freire, já nosso conhecido:

*Ninguém se educa sozinho,
mas também ninguém educa a ninguém.*

As pessoas se educam umas às outras mediatizadas pelo mundo.

Por outro lado, quando as pesquisas revelam que nossos alunos de Segundo Grau são semi-analfabetos em uma proporção assustadora, e quando lidamos com “pequenos gênios em informática”, que mal sabem se expressar (o “dizer a sua palavra”, de Paulo Freire) e têm com a *cultura de qualidade* – a que vai de Mário de Andrade a Cecília Meireles, de Tom Jobim a Mozart, de João Guimarães Rosa a Federico Feline – um mínimo contato, será que os “nossos problemas” são apenas curriculares-e-metodológicos, ou será que estamos perdendo dia a dia uma qualidade de relação conectivamente pessoal, inteligentemente interativa e amorosamente dialógica essencial, e que metodologia alguma substitui?

No *diálogo* que a sala-de-aula deve estar sempre criando e recriando, não existe saber algum que possa vir a fazer-parte-de-mim se não for o despertar de algo novo “dentro de mim”. E, na minha relação docente com os meus alunos: “dentro de nós”. Este é um outro modo de dizer que todo o *ato de conhecimento* é um *gesto de criação* através de uma *multi-aprendizagem* - um aprender partilhado por várias pessoas que vivem aquilo-que-se-está-aprendendo desde o seu ponto pessoal de vista. De acordo com o seu ritmo de aprender e apreender. E, finalmente, dentro de processos pessoais de integração do que eu estou aprendendo agora com os meus saberes e as minhas aprendizagens anteriores”.

Pois tudo pode ser comparado com um almoço de domingo. Um grande almoço festivo e solidário, em que cada qual trouxe de casa a sua contribuição; em que cada um aporta o seu quinhão de ajuda na copa e na cozinha; em que cada um procura dar o seu toque pessoal. E, depois, um almoço em que cada um olha “o que fizemos juntos”, faz o prato que escolhe, come no seu ritmo e de acordo com a sua fome, e digere segundo a alquimia de seu corpo.

Uma outra imagem poderia dar uma idéia melhor.

A sala-de-aulas da *comunidade aprendente* não é como um grande barco em que alguns trabalham para levantar a âncora, para inflar as velas e para dirigir o leme, enquanto outros apenas são levados. São conduzidos sem saber bem para onde e porque. Ela se parece mais com veleiro dentro do qual todos são a tripulação e fazem, juntos, o que dá ao barco o seu rumo e às velas o seu sentido. Um barco em que o próprio comandante reconhece que é um entre todos. E sabe que a viagem somente avança com o trabalho comum, de que todos participam. Um trabalho em equipe e, portanto, diferenciado em que cada um faz, “cada alguns” fazem a sua parte e vivem a viagem desde o seu ponto de vista. Pode-se pensar até num viagem

mais ousada. O barco só navega porque, além do “trabalho de todos”, ele leva em conta o mar, as correntes marinhas, o vento, o sol, o rumo das estrelas, e até mesmo a ordenação cósmica do universo, tal como ela está e se processa ali “ali”, em cada momento e lugar do trajeto da viagem.

autopoiésis e alterpoética

Uma das conseqüências mais importantes do caminho que percorremos até aqui, é o podermos trazer para aqui uma idéia tão fecunda quanto propriamente poética. A idéia científica de *autopoiésis*. Ela pode ser inicialmente pensada como algo que responde por reger qualquer sistema em equilíbrio. E, com mais propriedade ainda, qualquer organismo da Vida e, mais ainda, aqueles situados na esfera em que a Vida se torna consciente de si-mesma, através de nós: você e eu..

Somos, como tudo o que é vivo, seres capazes de gerar as condições de manutenção endógena de nossa própria equilíbrio. Mas, à diferença dos outros seres da vida, possuímos um tipo de consciência que transforma esta propriedade essencial da vida.

Vimos já o quanto somos seres dotados de formas geradoras de *autoconsciência*, de trocas misteriosamente interiores entre o corpo e a mente, entre a bioquímica dos nervos e o etéreo do espírito. Em nossas fronteiras com os outros e o nosso mundo, entre a nossa própria individualidade - a partir das dimensões complexas de nossa própria interioridade - e as redes interligadas de símbolos e de significados de cujo mundo social e cultural fazemos parte.

Ao mesmo tempo em que estamos em uma contínua interação criadora e também auto e alter-equilibradora de nós mesmos e de nosso entorno natural, estamos também em uma complexa, múltipla, diferenciada e contínua interação com as “teias e ramas” (lembra-se?) e com as redes e intercomunicações dos mundos culturais que envolvem e permeiam cada um e todos os planos de nossa vida social.

Um fator bastante esquecido entre educadores, é a extraordinária capacidade humana de criar mundos próprios. De internalizar sentidos e sentimentos. De antecipar criativamente situações. Enfim, de realizar todo um riquíssimo e muito complexo trabalho intenso e profundo, dirigido à nossa *auto-equilíbrio*.

Ora, sabemos que *aprender é integrar* novos dados, novos fatos, novas sensibilidades, novos saberes. E integrá-los não a regiões ou lugares específicos em nosso cérebro, ou onde quer que seja - inteligência corporal, inteligência emocional,

inteligências múltiplas etc. - mas em uma *totalidade interior* que se enriquece a cada novo saber, na mesma medida em que se reintegra e se re-equilibra em uma dimensão mais densa e complexa, a cada conhecimento significativo.

Se esta ilimitabilidade do aprender e do saber vale para o pensamento que pensa racionalmente o real, como o da geometria, valerá bem mais ainda, quando ousarmos considerar a imaginação humana como uma forma fértil e criativamente imprevisível e confiável de pensamento.

Pois a *imaginação* (aquilo que antes até se proibia, e ainda hoje mal se tolera em algumas escolas) quer sempre ir além dela mesma. Se o saber da ciência empírica e o conhecimento racional não desejam conhecer limites, a imaginação em absoluto não os tolera. Ela é como um vôo de pássaro, que uma vez iniciado desde um ponto único num galho de árvore, pode tomar qualquer direção, mesmo que não possa ir a todos de uma vez. Ela é, em cada um de nós, a criança ainda não saída da “idade dos porquês”. Ao lado do pensamento crítico que busca a precisão e a verdade, a imaginação abre mão de ser justamente precisa. E, por ser “precisa”, limitada.

Não sendo um aparelho interior de pesquisa objetiva destinado a criar idéias “reais” sobre a realidade, ela em nada serve para dizer como as coisas são. Serve para sugerir como elas poderiam ser, como seriam ou serão, se vistas, sonhadas e “imaginadas” de outras maneiras, de múltiplas maneiras, de maneiras não-convencionais. Sendo o “outro lado” da inteligência que pensa o racionalmente objetivo, a imaginação não serve a contar as coisas. Ele é um convite a cantar a vida interior de cada coisa e as interioridade das relações imagináveis realizadas entre elas.

Se o *raciocínio lógico* deve ser mais ou menos como uma boa fotografia, a *imaginação criativa* é um desenho a mão livre.

Esta faculdade mais amorosamente humana e que as modernas teorias da psicologia e da pedagogia descobrem e colocam no centro do *ensinar-e-aprender* talvez não seja nem sequer uma “faculdade humana”. Ela seria o limite da combinação interior de todas as capacidades de uma pessoa que *aprende-e-sabe*. E ela seria, então, a alternativa limite, em cada um de nós e nas comunidades de idéias e de imaginários em que nós estamos envolvidos, de se estender o pensamento humano as seus máximos limites. Ao que por ser justamente mais imprevisível e menos subordinado a regras é o que há de mais fecunda e imprevisivelmente humano em nós.

Pois estamos continuamente nos auto-produzindo, nos auto-re-equilibrando, como pessoas. Estamos sempre criando algo. E nossas crianças, mais ainda. Este processo é dinâmico. É incessante e é ininterrupto. Mesmo à noite, dormindo, um sonho é um novo saber. Assim como a vida orgânica do ser vivo se esgota quando ele deixa de realizar trocas neo-equilibradoras com o seu meio-ambiente, da mesma maneira vida interior não pode sequer se manter “viva” sem estar a todo o instante aprendendo. Sem estar, ininterruptamente, *internalizando, interiorizando e reintegrando* novos saberes.

Este é também o sentido em que quando um sábio como Sócrates dizia: “só sei que nada sei”, nada havia nesta confissão de falsa-sabedoria. Ao contrário, o aprender nos deveria abrir a um forte e sincero sentimento e sentido de humildade. Quando aprendemos a passar da idéia de que “possuímos saberes” e, portanto, sabemos mais do que os outros – mas sempre haverá outros que saberão “mais do que nós” – para a idéia de que o saber é um dom, algo que existe *entre nós* e que passa por mim e em mim está por algum tempo como algo que partilho com os meus outros, compreendemos que tudo o que aprendemos-e-sabemos –e apenas um momento do imenso que nos falta ainda a saber-e-aprender.

Este é também o sentido em que devemos pensar que não se “adquire conhecimento”, da mesma maneira como não se “dá” ou não se “transmite o saber”. O que devemos estar é procurando criar sempre novas situações em que cada um, a cada momento, à sua maneira, no seu ritmo e segundo os seus modos próprios de interiorização de experiência inter-significativas, integre em si o seu conhecimento.

Como não “se dá” conhecimento, todo o conhecimento “adquirido” é, na realidade, uma criação pessoal vivida em uma relação inter-pessoal (mesmo que o outro-que-me-ensina esteja escrito em um livro). Aprender e criar são sinônimos absolutos. E mesmo em uma situação pequenina, criar é como pronunciar pela primeira vez a fórmula mágica que torna real a própria magia. Hannah Arendt, pensadora alemã, escreveu certa feita esta idéia verdadeira e bela: todo o nascimento é um espécie de milagre. De uma maneira semelhante, podemos ousar pensar que todo o ato de criação contido no gesto de aprender, é também uma espécie de milagre.

aprender ao redor da mesa do saber

Vivemos dentro de um, alguns ou vários “campos” de palavras, de frases, de idéias, de teorias, de crenças, de imaginários, enfim, de tudo aquilo que começamos a aprender “em casa”, continuamos “na escola” e vivenciamos em outras múltiplas situações de outros vários lugares e momentos onde pessoas se encontram e torçam palavras, idéias... d

Vocês recordam aquela idéia do *O que é educação?* Ela lembrava que... “ninguém escapa da educação”. É uma maneira simples de dizer que ao longo da vida, de uma maneira inevitável nós nos envolvemos literalmente com um belo, sinuoso e multi-complexo tecido cultural que, através da *socialização primária* e da *socialização secundária* nos transforma no *autor cultural* e no *ator social* de nossas próprias vidas. Este “mundo cultural” de que somos parte é algo cuja história, cujo futuro, cuja lógica, cuja estrutura e cuja dinâmica nos transcendem. Nunca abarcamos tudo o que está contido nele. Nunca compreenderemos as razões de tudo o que ele contém e, no entanto, somos quem somos porque vivemos dentro dele. Terra metafórica onde nascemos, casa de partilhas onde vivemos, nave que nos leva para um rumo que humildemente podemos antever, sem nunca ter certezas de quando vamos chegar e de onde iremos aportar.

Mesmo aquilo que consideramos como sendo as nossas idéias e os nossos pensamentos, as nossas crenças e as nossas convicções “próprias”, constitui de um modo ou de outro algumas variações de palavras já ditas, de idéias já esboçadas, de sistemas de sentido já elaboradas algum dia, em algum lugar. Assim, tanto em seu âmbito mais afetivamente interativo, como na relação entre uma professora e um único aluno, até a sua dimensão mais aberta e estendida, como quando leio o livro de um pensador do século XVII sabendo que, ao mesmo tempo, em outros vários lugares do planeta e nas mais diferentes línguas outras diversas pessoas o estarão também lendo, toda a experiência do aprender-e-ensinar é sempre dialógica.

Um dos documentos mais importantes de nossos dias é o *Manifesto da transdisciplinaridade*². Já quase ao final, em seu *artigo décimo primeiro* ele declara o seguinte, a respeito de um par de aparentes opostos a respeito da educação: a sua concretude, o seu enraizamento em um tempo e um lugar, e a abertura do aprender

^{2 2} O *manifesto da Transdisciplinaridadede* é o documento final de um Congresso Internacional, realizado no Convento da Arrábida, em Portugal, entre 2 e 6 de novembro de 1994. Assinam a *Carta de Transdisciplinaridade*, depois tornada um “manifesto” as seguintes pessoas: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu.

para a intuição, a imaginação e a sensibilidade. Algo que apenas se vive quando em relação com o outro.

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração do conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar, e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Em um capítulo de livro escrito há alguns anos acrescentei isto, como um comentário³.

Todo aquele que ensina aprende com quem aprende.

Todo o que aprende ensina ao que ensina.

Toda a educação é uma vocação do diálogo.

O diálogo de cada pessoa com todas as instâncias de seu próprio eu, no corpo, na mente e no espírito. O diálogo com o outro, com os seus outros, os que ensinam, os que aprendem. O diálogo concreto e vivenciado com a Vida de seu mundo cultural e com a natureza de seus ambientes de vida.

Saber é algo que transforma quem aprende a cada momento do gesto de aprender. Saber nunca é o resultado de uma acumulação de conhecimentos e de habilidades transmitidos por um outro, fora de um diálogo.

Saber é criar conhecimentos e aprender e participar de situações e de processos ativos de criação do saber.

Aprendemos o tempo todo com o todo de nós mesmos e é o todo da pessoa que somos quem se transforma a cada momento significativo do ato de aprender.

Uma educação humanista deve estar atenta a realizar-se como uma permanente oficina de experiências interativas de criação partilhada de saberes. Uma oficina de criação, reflexão e atividade postas em diálogo, ali onde o valor dos sentimentos, das intuições e da inteireza interativa de cada pessoa e de cada grupo da comunidade aprendente devem ser substantivamente levados em conta.

³ É o capítulo intitulado: *um outro pensar para um outro viver*, do livro *A canção das sete cores – educando para a paz*. Foi publicado pela Editora Contexto, de São Paulo, em 2005.

Saber é algo tão pessoal! Vimos que cada pessoa, quem quer que seja, qualquer que seja o seu “grau escolar” e o seu “nível cultural”, é uma fonte única, irrepetível e original de saberes, de sentimentos, de sentidos de vida. No entanto, todo o saber é uma experiência de partilha. Algo semelhante acontece com a morfologia e a dinâmica de nosso próprio corpo. De uma forma muito pessoal, íntima mesmo, ele aprende a adaptar-se ao seu *meio-ambiente natural*. Aprendemos tudo. Aprendemos a saber pouco a pouco como deitar e sentar, como andar e parar, como manter-se em equilíbrio, como reagir ao frio, ao calor, ao perigo e à fome. Assim também outras esferas de nossa mente aprendem a lidar com a cultura de que são “elas” e nós somos parte. Aprendem a adaptar-se; aprendem a conviver e, mais do que tudo, aprendem criativamente a equilibrar-se no/com os seus *sócio-ambientes culturais*. E eles não são nunca uma “coisa” pronta, acabada e consagrada. Eles são, antes, como vimos já, fluxos, eixos e feixes dinâmicos e até mesmo imprevisíveis de símbolos e de significados com que entretecemos a cada instante, ao mesmo tempo, os *mundos de que somos pessoas* e as *pessoas que somos nestes mundos*.

E este ponto deve ser “insistido” bastante, porque cada vez mais vemos programas e projetos curriculares tratando “aquilo que se aprende na escola” como se fossem “coisas” e, não, “fluxos”, como se fossem “matérias” e, não, “energias” de saber e sentido. Como se fossem “posses” de que quem aprende se apropria e, não, “bens” e “dons” que se trocam reciprocamente.

Somos nós, seres inteligentes, receptivos ao novo, eternamente abertos a inovar, a tentar outra vez e sempre, a “zerar” (quando isto é possível) o feito e fazer o novo, a aprender sem parar, aquelas pessoas que criam o mundo dos tecidos sociais e simbólicos que nos cria ... nunca de uma vez para sempre, mas sempre um pouco mais... adiante.

Aprender é, também, *saber* como lidar de maneira inteligente e progressivamente *autônoma* (o oposto de *autômata*) com esses vários fios entrelaçados, esses vários padrões de cores, de tons e de efeitos de toques metafóricos do tecido cultural de quem somos. Mas *aprender* é, também, saber como participar dos processos através dos quais este tecido se re-tece, essas cores se re-tingem, esse tons se recriam.

Pois o que nos torna humanos é o fato de que entre nós é impossível *aprender* e *reequilibrar* interiormente a vida e a inteligência através de cada saber adquirido,

sem, com isto, não participar, de alguma maneira, do fluxo de sentidos e de ações que reequilibram nossos contextos de vida e de pensamento.

Sabemos que, de um lado, a cultura em que vivemos “apaga” ou torna opaca à consciência uma boa gama do que nos aprendemos e seguirmos, ao vivê-la. Assim, saber viver bem em uma comunidade, é não precisar estar a todo o momento perguntando aos outros como é que se faz “isto ou aquilo”. Mas, de outro lado, podemos imaginar que na história social de uma cultura nada se apaga de tudo o que foi vivido e pensado. De tudo aquilo que, uma vez pensado e vivido, viveu o seu momento de *diálogo* entre duas vidas: entre pai-e-filho, entre professor-e-aluno, entre companheiros de uma equipe, enfim, entre pessoas de uma qualquer comunidade de destino.

O que alguém pensou um dia e colocou em *diálogo*, pode até mesmo ser esquecido, mas nunca mais se apaga. De todo o bom pensamento – aquele que cria algo ao ser criado como um gesto de aprender – sempre algo subsiste, mesmo quando nada deles tenha sido escrito ou registrado de alguma outra maneira. Porque todo o bom pensamento salta do seu breve momento para uma duração universal. Não seria uma metáfora fantástica imaginar que um pensamento carregado de sentido voa de seu aqui-e-agora, de seu lugar de origem, de seu momento de gesto nascido, para a imensidão dos espaços culturais de partilha de sentido onde haverão de estar os pensamentos que o acolhem.

Voltemos por um momento a algumas linhas acima. De algum modo, tudo o que eu penso a cada instante, ou tudo que eu acabo de pensar possui quase nada de uma criação minha, absolutamente original. Não é algo de minha exclusiva autoria e, portanto, sequer pode ser minha posse. Eu bem sei que penso os meus pensamentos, mas com que cuidados devo dizer: “este pensamento é meu!”. Pois cada um dos pensamentos “meus”, faz parte de um fluxo cultural de saberes e sentidos de mundos eu vão de minha família até uma comunidade universal de pensamento.

Dentro de *mundos de cultura*, o que se cria, assim como aquele que cria algo à sua volta, fazem parte de, e constituem uma comunidade de imaginários de que cada um de nós é mais um companheiro de sentido do que um hospedeiro do que um proprietário de idéias; mais um convidado do que um proprietário. E mais uma reticência do que um ponto final.

Tudo o que aconteceu e segue acontecendo ao longo da história da humanidade, ao longo da história de um povo, ao longo da história de uma cidade, ao

longo da história de uma família, ao longo da história de uma pessoa, pode ser visto e pensado, também, como algo que ocorre como uma *aprendizagem*. Como formas comuns à vida e como maneiras especiais de lidar com a *aprendizagem*. Com o *aprender*. Pois a adaptação ao mundo e às suas mudanças, do mesmo modo como a capacidade de transformar-se para seguir “dentro da vida”, tudo isto significa um trabalho de *aprender-saber-reaprender*.

E mesmo quando este múltiplo processo de *aprendizagem-transformação-adaptação-reaprendizagem-retransformação* pareça ser um trabalho individual, ele é sempre a individualização de algo sempre coletivo, partilhado. Em uma escala ainda mais generosamente aberta pedagógica –dando a esta palavra o seu sentido mais amplo, mais envolvente - podemos imaginar que viver significa estar continuamente participando de *situações de reciprocidades de saberes e de aprendizagens*. Viver e conviver é partilhar e contribuir para um contínuo trabalho de intercâmbios de algo-bom-para-saber. E, algo que, uma vez sabido e compreendido, possui o dom de nos transformar em um alguém sempre algo melhor.

Somos *seres aprendentes*, é preciso relembrar. E isto nos define muito mais como seres humanos do que o sermos *seres racionais*. A própria racionalidade é uma operação contínua do *aprendizado*. É muito importante distanciar a inteligência da pura racionalidade e opô-la à emoção e à vida. Ao contrário, nosso corpo e nossa mente, nosso cérebro e nosso espírito aprendem em todos os planos para serem, em todas as dimensões, a pessoa que realizamos em nós a cada momento.

Tudo o que está em nós: o corpo, o cérebro no corpo, a mente no cérebro, o espírito humano na mente, as diferentes modalidades de inteligências (palavra que não deve ser dita no singular), inclusive a inteligência emocional, acontece em nós como o resultado de um imenso e complexo trabalho de multi-aprendizagem da espécie de que somos uma realização pessoal.

De outro lado, cada um de nós está constantemente se transformando em parte e no todo de si-mesmo, ao vivenciar de maneira pessoal e interativa cada *situação significativa de aprendizagem*.

Em cada ser vivo e, de maneira peculiar, em cada ser humano, o cérebro é um órgão a todo instante evolutivo. Ele está integrado ao corpo por infinitas teias de sentido e sentimento, e está interligado também ao seu entorno, ao mundo com o qual continuamente está interagindo através da aprendizagem e através do que faz com o que se aprenda.

Tudo o que acontece com ele em termos de aprender-reaprender não acrescenta apenas mais saber, não desenvolve mais habilidades, não acumula mais discernimento. Sobre o fazer com que isto continuamente aconteça, o cérebro, o todo da pessoa que o abriga e, de maneira convergente e solidária, todo o entorno de vida e de energia irradiante de seu ambiente, estão sendo capazes de processar re-equilíbrios em níveis e sob formas mais complexas, mais diferenciadas, mais aperfeiçoadas, portanto, em uma direção francamente ascendente.

A natureza própria do cérebro humano é a instabilidade. Ele não se estabiliza a partir do momento em que atinge um ponto de equilíbrio e de adaptação provavelmente ideal para o exercício de seu trabalho, de suas funções interativas. Ele não é como o dente ou o nariz. Ao contrário, sendo operativamente instável, aberto ao novo e capaz de integrar sempre novos conhecimentos, e de integrar-se em novas esferas de *equilíbrio autopoietico*, o seu cérebro e a sua mente tendem a ser instâncias aprendentes de você sempre capazes de ir além de si mesmos. No entanto a medida do valor de todo o saber, é a sua *dialogicidade*. Saber algo para si-mesmo pode ser um ato de humildade ou de desejo puro e simples de conhecer-para-mim-mesmo. Mas a vocação humana do *saber* é a partilha do *sentido*. Saber e aprender a saber, para tornar o meu *diálogo*, a minha conversa, a minha aula, até mesmo a minha “prosa”, algo mais pessoalmente bom, belo e verdadeiro.

Uma realidade do senso comum e das culturas populares tem sido difundida hoje em dia pela própria psicologia. E ela deveria ser um excelente ponto de partida do trabalho pedagógico. Desde que sempre trabalhada e adequada e motivadamente exercida, a mente humana envelhece muito tarde. Muito depois do próprio corpo que a abriga. Ela amadurece muito lentamente, e este é um fator que deveria ser levado bastante mais em conta na *educação*. Um estudante pode sair de um curso universitário razoavelmente “preparado para o exercício de uma profissão” aos vinte anos. Ele terá adquirido um *quantum* de conhecimentos que poderão torná-lo um “profissional competente” em pouco tempo.

No entanto, uma coisa é o *saber* que se adquire, outra é a *sabedoria*, fruto de um lento amadurecer não apenas de saberes, mas de experiências que integrem saber-e-vida, teoria-e-prática. De acordo com pesquisas bem recentes, realizadas com profissionais de várias regiões do mundo, a idade madura do maior proveito de saber e docência de um professor, de uma professora, vem após os 50 anos. O momento áureo da vida de um médico está por volta dos 60 anos. Os doutores Zerbini e Pitangui que o digam. Um artista genial pode gerar suas melhores obras na aurora

da “velhice” e Oscar Niemeyer acaba de dizer, aos 100 anos de idade, que não pensa em se aposentar.

E, num mundo mutável e que acrescenta novos conhecimentos em todos os campos do saber a cada mês, a cada semana, mais do que nunca estamos convocados a dois desafios. O primeiro: abrimos-nos a um persistente e perene esforço de seguirmos aprendendo na mesma medida em que prosseguimos educando. O segundo: procurarmos viver de maneira cada vez menos solitária e cada vez mais solidária a experiência do *trabalho de aprender*. Grupos de estudo, equipes de trabalho que fazem do “também estudo” um momento constante de encontros, comunidades virtuais podem ser caminhos bastante viáveis.

Podemos agora encerrar estas reflexões, lembrando que o pensamento humano não é nunca uma estação a que se chega e desembarca. Ele é a própria viagem que se faz e acontece em cada momento do percurso. E mesmo que a viagem do conhecimento possa ter muitas “paradas”, ela é, para quem quiser, uma viagem sem fim. Uma viagem que pode ter tido um ponto de partida previsível, mas uma viagem sem um ponto previsto de chegada, ainda que ela deva e possa e talvez deva possuir um “plano de viagem”.

O pensamento é a aventura de si-mesmo.

É uma pergunta em busca de respostas. É um eixo, um feixe, um emaranhado que faz e refaz o bordado dos tecidos da mente, sem fim. Um pano-do-saber a que sempre podem ser acrescentados novos fios, e para o qual sempre podem ser imaginadas novas formas e novas urdiduras.

Pensar, como acontece quando um filósofo pensa as suas questões, é estar aberto a estar sempre reaprendendo a ver-o-mundo. O exercício de pensar começa no reconhecimento da própria imperfeição, assim como a ciência avança quando erra e, então, se corrige a avança um passo mais. Ela para e pode estagnar quando pensa que chegou a descobertas e a teorias definitivas. Todas as teorias do fenômeno humano e da história que viraram “dinossauros do saber”, foram e seguem sendo maneiras de pensar que se imaginam exclusivas (todas as outras estão erradas) e perenes (todas as outras passam para que “esta” se eternize).

Quanto mais uma pessoa aprende, mais é capaz de pensar por conta própria. Mas aí é quando mais ela descobre que precisa dos outros para existir, e que só avança através do *diálogo* e para realizar-se como *diálogo*.

Se todas estas idéias são pertinentes, então o trabalho do educador deveria ser bastante repensado. A começar pela redescoberta de que, ao contrário do que

poderia parecer, justamente agora quando se fala tanto em “crise da escola” e até mesmo em “fim da escola”, a *educação* e a *escola* recobram em todo o mundo um valor redobrado.

Vimos o tempo todo, aqui, que o *aprender* não é uma acumulação provisória e utilitária de conhecimentos dirigidos com prioridade ao exercício de habilidades parceladas, restritas e perigosamente “mecanizáveis”, quando elas não são não colocadas a serviço se sob os cuidados de uma mente pensante, crítica, ativa, participante e criativa.. O *aprender* é, como vimos, uma atividade inerente a tudo o que é vivo e que responde pela totalização do ser de cada pessoa e pela realização de cada cultura. E o trabalho da pessoa que do educa ganha a dimensão de um verdadeiro agente do processo mais importante de toda a vida: *aprender a saber*, e saber para seguir sempre aprendendo e partilhando com os outros o saber, o sentido e a sabedoria.

Com quem partilhamos o que sabemos

Vivemos talvez no mais contraditórios dos “mundos” a que a trajetória do ser humano pode chegar. Nunca tantas possibilidades de “estar-com” e, no entanto, nunca tanta solidão. Nunca tantas possibilidades de com-saber e, no entanto, tanta pressão para que o conhecimento seja algo individualizado. Algo que “conquistado por mim” é minha posse e, se possível, caminho para minha realização pessoal (algo bom) e, se possível, o meu sucesso (algo desnecessário).

No entanto, quem seja uma mãe, uma irmã mais velha, uma professora, uma educadora trabalhando em outras áreas, ao avaliar a fundo “o que eu faço com o que eu sei”, verificará que em boa medida, queiramos ou não (mas é melhor... querendo) estamos sempre estendendo ao serviço de outras pessoas aquilo que aprendemos a saber.

Já fizemos um exercício de avaliação e compreensão do que sabemos e das situações em que aprendemos a saber algo.

Podemos agora realizar o exercício oposto. Podemos escrever em uma folha de papel, nas pontas de uma Rosa dos Ventos de 8 lados, ou em colunas, *a quem e ao quê* é dirigido os “saberes que eu sei”.

Todos eles, pois todo o saber tem em si o seu valor.

Por exemplo, será tudo o que aprendi ao longo de minha vida a respeito de *culinária* é utilizado apenas “para mim”? Ou, ao contrário, este é um saber quase todo colocado a serviço das pessoas para quem “eu cozinho”.

E o aprendizado de “direção no trânsito?”. E o que me tornou uma pessoa hábil em utilizar o microcomputador? E aquele que eu adquiri e sigo adquirindo para o exercício de minha profissão? E todos os outros?

A quem servem?

Em que situações?

A troca do quê (satisfação, auto-realização, carreira profissional, dinheiro, participação)

Criando eu situações interativas?

Sendo já suficiente, ou me obrigando a “aprender mais para saber um pouco mais”?

Pense. Lembre. Escreva.

Livros e artigos citados ou que poderiam ser lidos com proveito

ASSMANN, Hugo

Reencantar a educação – rumo à sociedade aprendente

Petrópolis, Editora Vozes, 1998

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

A canção das sete cores - educando para a paz

São Paulo, Editora Contexto, 2005

FREIRE, Paulo

A importância do ato de ler

São Paulo, Editora Cortez, 1992 (35ª edição)

GADOTTI, Moacir

Boniteza de um sonho

Novo Hamburgo, Feevale, 2003

GARDNER, Howard

O verdadeiro, o belo e o bom – os princípios básicos para uma nova educação

Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1999

GARDNER, Howard

Inteligência – um conceito reformulado

Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2000

IZQUIERDO, Ivan

A arte e esquecer

Rio de Janeiro, Editora Vieira & Lent, 2004

LARROSA, Jorge

Estudar

Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2003

LEÃO, Emmanuel Carneiro

Aprendendo a pensar

Petrópolis, VOZES, 1991

LELOUP, Jean-Yves

A arte da atenção – para viver cada instante em sua plenitude

Campinas, Editora Verus, 2001

MORIN, Edgar

Os sete saberes da educação do futuro

Brasília, Editora Cortez/UNESCO, 2002

OSTROWER, Fayga

A sensibilidade do intelecto

Rio de Janeiro, Editora Campus, 1998

Rosa dos Ventos - Verão de 2008

Carlos Rodrigues Brandão